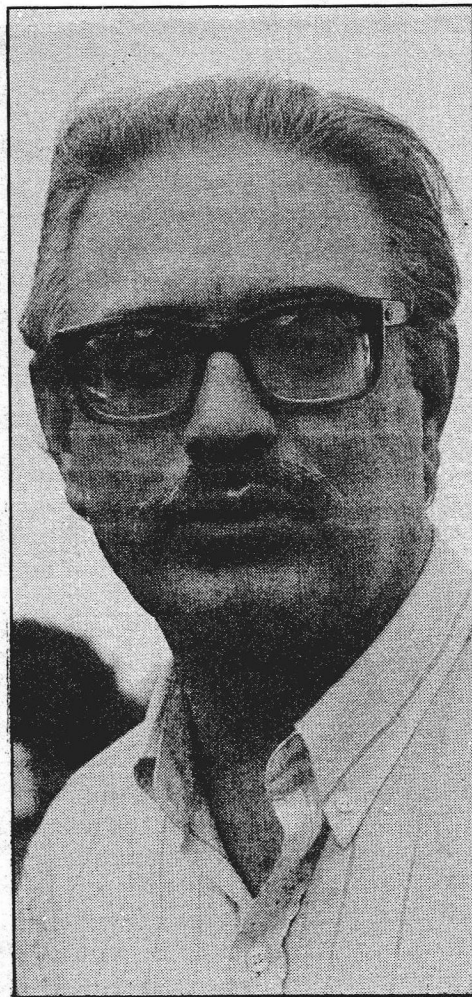


Poesia e Artes Visuais: os Quasares da Quase-Arte

Há 96 anos, ou mais precisamente, em 1897, Mallarmé, com a criação do poema UN COUP DE DÉS (O Lance de Dados), reinstalou a palavra poética no espaço plástico do papel. As “subdivisões prismáticas da idéia” motivaram a configuração espacial e constelar do texto, disposto em cachos de palavras à esquerda e à direita da prega central da página, que pode ser vista quer como uma tela quer como uma partitura. “Sem presumir do futuro o que sairá daqui: nada ou quase uma arte”, concluía o poeta em seu breve prefácio. Quase cem anos depois, no limiar de outro século, é possível avaliar o que resultou dessa “quase-arte”, que, rompendo com toda a tradição ocidental, desencadeou uma nova e radical conjunção da poesia e das artes visuais.

Até então essa conjunção sempre se dera à margem da estrada real da literatura, desde os remotos exemplos de “poesia figurada”, como o “Ovo” do poeta grego Simias de Rodes (300 a.C.) aos requintados caligramas sacros de Hrabanus Maurus, na Idade Média. O barroco, ele próprio marginalizado por séculos de incompreensão, acolheu entre as especulações do seu imaginário livre o grafismo ornamental dos “labirintos”, mas estes, a despeito da apreciável complexidade visual, degradam-se, o mais das vezes, semanticamente insignificantes, na vassalagem das celebrações, dos epitalâmios aos epitáfios palacianos. Só a partir de Mallarmé é que a



O poeta Augusto de Campos

visualidade entra para o campo da poesia com a dignidade de um componente funcional, inseparável das unidades verbais, ínsito à poeticidade do texto.

Futurismo, cubismo, cubofuturismo, simultaneísmo *et alia* desenvolveram aspectos dessa prática que envolveu poetas tão diversos como Marinetti, Depero, Apollinaire, Barzun, Krutchônkh, Iliazad, e carregou para a poesia a colaboração de muitos pintores, dos futuristas italianos, como Balla e Carrà, aos russos como Maliévitch, Gontcharova, Popova, Ródtchenko e Lissitski. Exemplo notável dessa estreita colaboração é o livro-poema “A Prosa do Transiberiano” de Blaise Cendrars e Sonia Delaunay, “poema simultâneo” policolorido, de 1913, que, por sinal, vem de ser reeditado, na íntegra, em facsimile, pela Edusp, Editora da Universidade de São Paulo, juntamente com o ensaio crítico O MOMENTO FUTURISTA, de Marjorie Perloff. Algumas vezes, a palavra poética se tornou matriz da própria elaboração plástica, como acontece com os “roto-relevos” e os trocadilhos tridimensionais de Marcell Duchamp, que implicam um diálogo de significados e significantes entre o verbal e o não-verbal. Nos casos de colaboração entre pintor e poeta, a convergência se acentuou na medida em que não mais se cuidava de criar ilustrações para um poema mas de buscar um território comum interdependente, onde a matéria textual fosse inseparável